

(DES)CONHECIMENTOS SOBRE VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UM ESTUDO COM ALUNOS DO IFRJ, CAMPUS SÃO GONÇALO

Adriano Oliveira Santos (IFRJ/SG)⁶

adriano.santos@ifrj.edu.br

Laís Machado Marins (IC-IFRJ/SG)

laismmarins@hotmail.com

Sara Nazaré Carvalho Neves (IC-IFRJ/SG)

sara.carvalho@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar dados obtidos, por meio de questionário semi-aberto, a respeito dos conhecimentos de alunos (do ensino médio técnico e do pós-médio), do IFRJ, campus São Gonçalo, sobre aspectos que tenham como eixo o fenômeno da variação no português brasileiro. Alguns entrevistados demonstraram desconhecimentos sobre o tema em questão e também sobre o que seja preconceito linguístico. Com base nas informações obtidas, algumas intervenções foram realizadas, entre elas, a oferta de palestra sobre o tema e a solicitação da inserção do conteúdo no programa de Língua Portuguesa de curso de pós-médio, o que foi prontamente atendida. Para a realização do estudo, foram utilizadas as seguintes bases teóricas: Scherre (2005), Bagno (2013) e Bortoni-Ricardo (2004). A pesquisa, que está em fase de conclusão, vem evidenciando a necessidade de se discutir, no âmbito escolar, a riqueza dos diferentes usos do português do Brasil e o respeito a esses usos nas interações comunicativas diárias.

Palavras-chave: Interações comunicativas. Português do Brasil. Usos da língua materna. Variação linguística.

1. Considerações Iniciais

Os atuais programas de ensino de português, para cursos regulares ou não, orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e, em breve, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de diferentes redes de ensino, compartilham determinados conteúdos, entre os quais está o tema da variação linguística.

Sabemos que ensinar sobre a variação é mais do que ensinar diferenças entre um falar ou outro, ou apontar os diferentes modos como a

⁶ Adriano Oliveira Santos: Orientador e coordenador da pesquisa, Professor de Língua Portuguesa, IFRJ, campus São Gonçalo e Doutor em Estudos de Linguagem (UFF). Laís Machado Marins e Sara Nazaré Carvalho, alunas de Iniciação Científica do IFRJ, campus São Gonçalo.

linguagem se manifesta. Antes de tudo, é apresentar o português a partir de seus usos em diferentes contextos da comunicação humana.

Apesar de o tema da variação estar em ampla discussão nas escolas e universidades, ainda é possível notar comportamentos que desembocam no preconceito linguístico ou no desconhecimento sobre o assunto. Ideias equivocadas em torno da língua também reforçam o mito de uma língua homogênea, única e correta que deva sobrepor-se às demais variedades. Essa realidade não se distancia, a nosso ver, de alunos do ensino médio regular ou daqueles que já concluíram essa etapa de escolarização.

Por essa razão, nosso trabalho se centrará em buscar informações sobre conhecimentos, atitudes e opiniões de alunos (do curso Técnico em Química integrado ao ensino médio) e de alunos de curso concomitante/subsequente (curso Técnico em Segurança do Trabalho) a respeito de questões em torno da língua, como variação, preconceito e ensino. Nossa proposta, então, discute, com base em dados, os (des)conhecimentos sobre o que é variação linguística, preconceito linguístico e o ensino de língua portuguesa.

Os desafios para uma pesquisa deste cunho estão em conseguir obter dados que revelem o perfil de nosso alunado para um possível diagnóstico sobre sua realidade linguística, o que nem sempre o questionário alcança, já que muitos, ao responderem, nem sempre estão comprometidos com a verdade e a sinceridade. Porém, esse foi o melhor instrumento que nossa equipe encontrou e, por essa razão, acreditamos nele e em toda a execução deste projeto para o alcance esperado dos resultados.

Como a questão da variação é algo que precisa ser discutida, debatida e refletida no âmbito escolar, é importante que as atividades propostas pela escola e pelos programas de língua deem toda a atenção devida ao assunto e, mais do que tudo, permitam ao aluno aprofundar sobre a riqueza da variedade e de sua dimensão para a compreensão da dinâmica das línguas e das diferentes interações sociais e culturais. Como este trabalho se propõe a buscar informações sobre o modo como os alunos vêm percebendo essa realidade, a coleta de dados e sua discussão serão significativos para promover uma reflexão sobre o alcance (ou não) que os programas de Português, no âmbito do IFRJ, campus São Gonçalo, têm quanto a proporcionar ao aluno uma reflexão séria sobre tais questões. Isso servirá de base também para a promoção de atividades dentro e fora das aulas que ampliem essa discussão.

2. Da mudança linguística ao preconceito linguístico

Por algum tempo se pensava que a língua evoluísse até chegar a um ponto de perfeição. Com o tempo, essa ideia se esvaiu, pois não havia como negar as mudanças por que experimenta uma língua em uma ou várias fases de sua existência. Como ressaltam Dubois *et al.* (2006, p. 423), “A mudança, também chamada de alteração, é sem dúvida o caráter importante da linguagem”, porque a mudança, a nosso ver, é parte constitutiva da própria linguagem, de sua dinâmica, de sua essência como ser.

Para que haja mudança na língua, é necessário, de acordo com Azeredo (2008, p. 61), “(...) que a língua esteja em uso e integrada ao cotidiano dos que a falam. Uma língua não muda ‘de vez em quando’, mas continuamente”. Isso significa que, neste momento, em que estamos escrevendo este trabalho, em algum lugar, em algum grupo, o português brasileiro deve estar experimentando alguma transformação que poderá ser momentânea ou duradoura. São palavras ou construções novas que entram no idioma e dele saem.

Certas mudanças, conforme Azeredo (2008), podem ser percebidas facilmente, no léxico, por exemplo, pela a entrada de novas palavras e o desuso de outras. Outras mudanças, no entanto, podem não ser facilmente observadas ou serem mais lentas, por estarem relacionadas a questões de construção gramatical ou de pronúncia.

Como falantes que somos, percebemos essas mudanças e evidenciamos a língua não como um sistema homogêneo e estático, mas como algo dinâmico e permeado por variedades. Mesmo havendo sistemas de pressão, como a escola e parte da mídia, que tentam controlar a rapidez dessas mudanças, a língua continua diversa e em constante transformação, devido à sua natureza heterogênea:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas. (CASTILHO, 2010)

Essa discussão nos dimensiona para outro aspecto relevante da língua: sua variabilidade. Em um dado momento de mudança, por exemplo, certos vocábulos ou construções entram em concorrência, antes que um ou outro deixe de existir, permitindo aos falantes notar a própria dinâmica da variação linguística e, mais para frente, o conjunto do processo de mudança. Diga-se de passagem que a existência do advérbio “mui”,

que, em um dado momento da língua, concorreu com “muito”, praticamente desapareceu na fala e na escrita correntes dos brasileiros.

Tal como a mudança linguística, a variação é um aspecto também inerente às línguas naturais. Sendo inerente, não podemos negá-la, tampouco desprestigiá-la, por ser parte da constituição da língua. Nesse ponto, temos de concordar com a ideia de que a homogeneidade ou uniformidade da língua não corresponde à sua realidade:

Já se disse várias vezes que o português do Brasil é uma língua uniforme. Sua uniformidade foi afirmada e elogiada por pessoas de diferentes formações – escritores, historiadores e linguistas. Mas a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; e 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falses se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala. (ILARO; BASSO, 2006, p. 151)

Os autores ainda mencionam as origens da concepção errônea de uma língua uniforme: a constituição de um nacionalismo, pois se a nação é algo que nos identifica, que nos leva a um sentimento de pertencimento a um grupo, a língua, de acordo com essa visão, também deve traduzir esse sentimento sendo “uniforme”, o que é insustentável, já que não se pode haver um controle sobre a natureza das línguas naturais.

Outro aspecto salientado é a “visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta”, que, de certo modo, também se relaciona com a visão estereotipada de nacionalismo. Esse dado apontado pelos autores é muito importante, pois é a raiz, em grande parte, do que estamos discutindo neste trabalho: o preconceito linguístico. Em nome de uma suposta língua ideal, não se reconhece, e até se subestima, o que dessa “língua” se distancie. E, por último, “uma certa insensibilidade para a variação”, ou, diríamos, um “tapar de olhos” para esse fenômeno, visto, provavelmente, como maculador da “língua ideal” ou dita “cultura”.

O advento de uma norma-padrão, no Brasil, começou no século XIX, de acordo com Faraco (2008, p. 82). A ideia de uma norma acabou sendo inspirada no modelo de uso da língua pelas elites letradas brasileiras, as quais estavam inconformadas com os rumos da “língua”, isto é, as variedades populares que dela começavam a surgir.

Faraco (*Op. cit.*) comenta que nos anos 1960 começaram as críticas à gramática normativa e ao ensino focado nela. Atualmente, esse desgaste continua por conta do adjetivo “cultura”, que, na concepção de

muitos autores, torna-se imprópria, pois significaria que as demais variedades seriam “incultas”, o que sugere certo desmerecimento às demais variedades. Neste trabalho, optamos pelo emprego do termo “norma-padrão”, de acordo com Bagno (2003), pois assim evitamos as controvérsias em torno da palavra “cultura”.

Em nome de uma suposta língua ideal ou de um padrão-normativo que deva superar as demais variedades, justificam-se alguns suas atitudes de preconceito e exclusão às variedades diferentes desse padrão. Não raramente, por essa razão também, muitas pessoas declaram sua aversão à língua portuguesa, por perceberem que sua escrita e fala não se ajustam aos modelos “canônicos” da norma. Por essa razão, é comum, sobretudo na escola, ouvirmos frases como “detesto português”, “essa língua é muito difícil”, “nunca aprendi português”, “não sei nada de português” e por aí vai. A confusão que se estabelece entre uma variedade da língua com o próprio nome dela é que torna a palavra “Português”/“Língua Portuguesa” uma expressão pouco ou nada empática dos falantes brasileiros, o que nos parece absurdo.

Não desprezamos o ensino da norma-padrão e de seus usos em determinados contextos, ao contrário, acreditamos que ela tem o seu valor tal como as outras variedades da língua. Compartilhamos da ideia de que seu ensino deva estar atrelado ao trabalho com o texto e dentro do texto e de que é dever da escola mostrar as circunstâncias em que a norma-padrão deva ser utilizada, valorizando a riqueza das demais variedades da língua. Um ensino que desperte a consciência do aluno para os diferentes usos de sua língua materna será mais produtivo e garantirá o uso da norma padrão para os fins que lhe são devidos (contextos formais de uso, por exemplo, para a escrita acadêmica, científica, jurídica entre outros), evitando que a norma se instrumentalize para a promoção de preconceito social e exclusão.

3. Metodologia

O trabalho é de natureza quantitativo-qualitativa, por envolver a quantificação de dados e sua amostragem em porcentagens e por promover também uma reflexão dos dados obtidos, para a aplicação de atividades de mediação ou intervenção. Por ter uma finalidade mediadora também ser caracterizada, do ponto de vista metodológico, como uma pesquisa-ação, pela proposta didática que envolve os participantes pesquisados.

Para a apreensão dos dados, aplicamos, em 2017/2, um questionário semiaberto para 40 alunos: 20 alunos do ensino médio integrado (do 6º ao 8º período), sem quantidade específica para cada período, e para os alunos do pós-médio⁷ (1º período). É importante ressaltar que este trabalho obteve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição⁸ (CAAE 71653617.9.0000.5268), uma vez que foi submetido aos trâmites da Plataforma Brasil designados pelo CEP. O questionário foi respondido de forma anônima e com caneta preta, obedecendo todos os procedimentos possíveis para evitar a identificação do participante.

As etapas de trabalho foram organizadas do seguinte modo:

- Estudo teórico do tema, com base na literatura corrente da área da Sociolinguística.
- Aplicação dos questionários.
- Organização e sistematização dos dados obtidos.
- Discussão dos resultados obtidos.
- Aplicação de atividade (palestra realizada por um especialista sobre os temas para os alunos da instituição e divulgação dos dados para a equipe de língua portuguesa, para uma possível atualização do programa de conteúdos).

O questionário foi estruturado em duas partes: dados do entrevistado (sexo, período escolar, idade entre outros) e questões para serem respondidas de forma objetiva (com alternativas para serem assinaladas) ou dissertativa. A aplicação envolveu 40 alunos (ambos os sexos) assim distribuídos: 20 alunos de qualquer um dos períodos finais do ensino médio integrado (do 6º ao 8º período) e 20 alunos do pós-médio, (do 1º período). A média de tempo para a resposta foi de, aproximadamente, 10 a 15. O anonimato foi um quesito para o seu preenchimento. A aplicação

⁷ O "pós-médio" designa a modalidade de cursos, normalmente técnicos, realizados pelo aluno que está concluindo ou já concluiu o ensino médio. Para o aluno concluinte receber o certificado ou diploma é necessário que ele tenha terminado todo o ensino médio, daí a razão do nome "pós-médio". O curso de que estamos tratando é o de Técnico em Segurança do Trabalho, o qual tem duração de dois anos (quatro semestres). No primeiro período, é oferecida a disciplina de Português Instrumental.

⁸ Nossos agradecimentos especiais à Profª Paula Magalhães Souza Deccache, IFRJ/SG, que nos assessorou para a realização dos trâmites adequados par esse processo.

ficou por conta dos pesquisadores e foi realizada dentro da escola, fora do horário de aula.

4. Resultados e discussão

A primeira atividade do questionário solicitava ao participante da pesquisa que julgasse a atitude de um dos personagens de texto, do gênero tira, composto por três quadros, que lhe foi apresentado.

No primeiro quadro, aparecem um homem e uma mulher, personagens, que, aparentemente, têm um primeiro encontro amoroso; ambos parecem muito interessados um no outro. No segundo quadro, o homem, ao ver a mulher, diz “Oi! Tem pobrema nós bater um papo?”, enquanto lhe oferecia uma flor. Essa é a única cena em que aparece um texto verbal. A mulher, que a princípio aparentava bastante interessada, mostra-se, então, totalmente decepcionada e desaparece, sem dizer qualquer palavra. No terceiro e último quadro, o homem aparece com um ponto de interrogação, sem entender a atitude da mulher.

O quadro era um típico caso de preconceito linguístico. Os desvios da norma-padrão na fala do personagem demonstram ser o único motivo da decepção da personagem feminina. Para esta questão, esperava-se que o participante notasse e respondesse, conceituando aquela atitude, de forma direta ou não, como uma atitude preconceituosa. Com base nas respostas dissertadas, observamos que 75% dos alunos do ensino médio técnico reconheceram a atitude de preconceito linguístico, enquanto 25% não reconheceram.

Uma hipótese para a configuração desse resultado se deve ao fato de que o assunto é discutido no primeiro período, na disciplina de Língua Portuguesa I, e pelo fato de que o tema da variação, e isso toca a questão do preconceito linguístico de algum modo, está presente nas provas do Enem, o que seria mais fácil para o público-participante, alunos dos últimos períodos do ensino médio, reconhecer a atitude de preconceito no texto da tira, já que muitos estão se preparando para as provas. A outra hipótese nos parece estar relacionada ao fato de o próprio contexto da tira favorecer o reconhecimento de atitude de preconceito.

Quanto aos alunos do curso técnico (pós-médio), 45% reconheceram a atitude de preconceito da personagem e 55% não.

O público que compõe esse grupo é formado, em sua maioria, por alunos que já concluíram, há alguns anos, o ensino médio. Entre os participantes, dois eram graduados na área da saúde. Os que reconheceram o preconceito linguístico durante a leitura da tira o fizeram, de acordo com as respostas, de forma indireta ou tangencial. A explicação mais provável para o desconhecimento de alguns está no fato de que muitos não tiveram contato com assuntos relacionados à variação linguística no percurso do ensino médio ou antigo segundo grau.

A questão seguinte buscava averiguar se os participantes sabiam o que é variação linguística. A pergunta foi feita de forma objetiva (“Você sabe o que é variação linguística?”). Para aqueles que responderam afirmativamente, havia um espaço para que comentassem o que sabiam a respeito, pois a resposta dissertada nos ajudaria a saber se o participante realmente conhece o fenômeno.

Em relação ao ensino médio técnico, 60% responderam que sabiam do que se trata “variação linguística”, enquanto 40% não. O resultado demonstra que o público do ensino médio, em sua maioria, parece conhecer o assunto, como dissemos, pelo fato de os alunos terem discutido o tema no primeiro período na disciplina de Português I e pela própria preparação que muitos deles realizam para as provas do Enem, o qual costuma trazer algo relativo ao tema. Esperávamos que o percentual fosse maior, já que o percentual de alunos que reconheceram a atitude de preconceito linguístico, na análise anterior, foi de 75% e como variação e preconceito linguístico estão relacionados, parecia-nos mais provável que houvesse o mesmo percentual. Talvez o contexto da tira tenha favorecido o reconhecimento da atitude de preconceito linguístico, na análise anterior. De qualquer modo, o percentual de alunos que desconhecem o tema se mostrou alto (40%), o que sinalizou para os autores a necessidade de atividade de intervenção.

Mais da metade dos alunos do pós-médio (75%) responderam que não sabe do que se trata, enquanto 25% afirmaram que sabe a respeito do tema. A explicação dada para esses resultados parece ser coerente, se aplicada à reflexão dos resultados desse percentual. O público desse grupo é formado por muitos alunos que concluíram o ensino médio há bastante tempo. Alguns informaram, posteriormente, que nunca estudaram na escola o tema e que nunca ouviram falar dele por outros meios.

É comum a associação errônea entre o saber idiomático e o conhecimento da gramática normativa. Essa concepção é fonte para o pre-

conceito linguístico. Ao pensar que o saber do próprio idioma está atrelado ao padrão dito culto da língua, muitos se consideram pessoas que “não sabem português” ou acham que “português é muito difícil”. Isso é transferido também para o ensino de Português. Desse modo, muitos alunos ainda enxergam a aula de Português como uma aula de gramática tradicional, em que seu objeto de ensino não deva ser centrado no texto – leitura e produção (oral e escrita). Para termos uma percepção se esse modo de conceber a língua e seu conhecimento é comum ou não entre os participantes, perguntamos aos participantes sobre o que eles consideram a respeito de “saber português”. Daí, obtivemos os resultados seguintes: 60% dos alunos do ensino médio técnico responderam saber português é ter comunicação adequada pela leitura e produção de textos, enquanto 40% afirmaram que o domínio das regras gramaticais (normas) é que define quem tem mais domínio do idioma.

Embora haja um quantitativo maior daqueles que compreendem o desenvolvimento da leitura e da produção textual como elementos mais importantes numa aula de Língua Portuguesa, houve uma parcela bastante significativa entre os participantes do ensino médio que ainda consideraram o domínio das regras gramaticais como elemento fundamental para se conceber o conhecimento sobre o próprio idioma e, provavelmente, para “medir” o conhecimento sobre a própria língua. Não encontramos razões para esse fato na análise que realizamos do programa de conteúdos das disciplinas de Português para o ensino médio, pois neles não um ensino centrado na gramática normativa. No entanto, os dados sinalizam que é necessário um trabalho efetivo do professor para auxiliar o aluno na compreensão da língua como um fenômeno amplo e complexo e não limitado ao domínio de regras gramaticais.

Quanto aos alunos do pós-médio, 70% afirmaram que o domínio das regras gramaticais (normas) é que define alguém que sabe o português, enquanto 30% responderam que saber ler e produzir textos de forma adequada é demonstra quem sabe o idioma. Muitos alunos deste grupo vieram de uma formação tradicional no que concerne a estudos da Língua Portuguesa. Trata-se de um ensino que ainda privilegiava os exercícios descontextualizados dos componentes da gramática normativa e também desarticulados do texto (escrito ou oral). Esse tipo de abordagem, que perdurou bastante há alguns anos, e, sobretudo, antes do advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, reforçou a ideia de que “saber português” correspondia ao saber da gramática tradicional, até porque a disciplina escolar conhecida como “Português” conduzia a percepção de

que a língua se resumia a conhecer a língua pelo viés da gramática normativa.

5. Atividades de intervenção

Após a análise dos dados, sentimos a necessidade de construirmos atividades que possibilitassem os alunos a: desenvolver noções sobre variação linguística e preconceito linguístico e, a partir delas, a importância do respeito à diversidade dos usos da língua; e desarticular o saber natural da própria língua materna de um saber sobre a língua, sistematizado em regras e adquirido nas fases da escolarização. Além disso, também observamos que era necessário sugerir a inclusão do tema da variação no programa de Português Instrumental para os alunos que mais apresentaram desconhecimento sobre os temas em questão – os alunos do pós-médios.

A primeira atividade foi uma palestra, realizada durante a Semana Acadêmica, com uma professora doutora na área de Sociolinguística. Embora a participação fosse livre, sem um número limitado de inscritos, e para qualquer público que interessado em participar, o desejo dos autores era o de que os participantes da pesquisa estivessem presentes. Participaram em média 45 alunos, oriundos do ensino médio e do pós-médio, entre os quais estavam os que participaram da pesquisa. A atividade teve bastante êxito, pois notamos o interesse dos participantes, com comentários e perguntas relevantes. Pelos comentários do público, durante e após a palestra, conseguimos avaliar que a atividade cumpriu seu propósito.

A segunda atividade promovida pelo grupo consistiu em apresentar os dados à equipe de Língua Portuguesa responsável pelo ensino da disciplina de Português Instrumental, oferecida a alunos do pós-médio, considerando que o público desse curso apresentou maior desconhecimento sobre os temas. Os professores de Português, responsáveis pela disciplina, acolheram com os resultados com satisfação e realizaram, com a aprovação do coordenador do curso, a inserção do conteúdo “variação linguística” e, a partir dele, a noção de preconceito linguístico. Consideramos esse fato como muito importante, pois, por meio dele, chegamos à conclusão da necessidade e da relevância do desenvolvimento desta pesquisa para o benefício dos alunos e, conseqüentemente, para o *campus*.

Atualmente, estamos elaborando a fase III da “intervenção”, com a montagem de uma exposição de imagens e frases que façam referência

ao preconceito linguístico e à importância de se respeitar as diferentes variedades da língua. A intenção é despertar a curiosidade e a reflexão de toda a comunidade escolar sobre o tema, o qual precisa ser conhecido e debatido dentro e fora de nossa escola.

6. Considerações finais

Esta pesquisa possibilitou-nos observar que o fenômeno da variação linguística é algo ainda desconhecido, ao mesmo tempo, fez-nos refletir sobre o papel da escola na construção do conhecimento sobre esse fenômeno e seus desdobramentos.

É necessário que a escola seja o espaço para a discussão e a disciplina de Língua Portuguesa deve favorecer esse momento com abordagem adequada, pois é conhecendo a dinâmica da língua como um aspecto inerente a ela mesma será possível despertar o respeito pelos diferentes falares e modos de interagir em uma língua. Assim será também possível compreender as incoerências que se escondem no discurso preconceituoso de quem defende uma homogeneidade da língua, incapaz de existir.

Acreditamos que uma escola engajada e sintonizada no tempo presente tem o poder de fomentar uma cultura de respeito às diversidades, em todos os sentidos, tornando-se espaço de diálogo com as diferenças e, ao mesmo tempo, de descoberta das várias formas de ser e de viver, favorecendo a compreensão da língua como uma realidade, cujas diferenças são belas e não feias, estranhas ou erradas. Que pela escola se entenda que a noção de erro não está associada ao modo como alguém se apropria da diversidade linguística, mas à atitude inconsequente e ilógica de quem julga ou exclui em nome de uma suposta “língua correta”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. In: *Veredas*. Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 71-83, ju./dez. 2003.

_____. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 8. ed. São Paulo:

contexto, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

ILARIA, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.